

Allah-La-Ô – Caminhos para a Sensibilização acerca do Consumo de Álcool por meio das Marchinhas Carnavalescas da Década de 1950

*Allah-La-Ô - Pathways to Raising Awareness about Alcohol
Consumption through the Carnival Marches of the 1950s*

Frederico Augusto Ribeiro da Silva

ORCID: [0000-0002-9670-5739](https://orcid.org/0000-0002-9670-5739)

Resumo

Os festejos carnavalescos podem ser entendidos como retratos populares dos mais diversos momentos já vividos pelo país, criando um conjunto de quadros históricos em que estão, por exemplo, as marchinhas cantadas em Carnavais da década de 1950. Logo, considerando a importância da realização de pesquisas voltadas para a arte nacional e da produção de estudos interdisciplinares relacionados à experiência com bebidas (tema que está intimamente ligado à saúde pública), o artigo tem como objetivo investigar possíveis caminhos para a sensibilização acerca da ingestão excessiva de álcool por meio de cinco marchinhas carnavalescas cantadas na década de 50 do século XX. Para tanto, foi escolhida uma metodologia qualitativa e procedimentos típicos da análise de discurso. Pelos caminhos percorridos, acredita-se que as escolas, assim como ambientes de educação não formal, podem ser espaços onde tais canções têm o potencial de se tornarem ferramentas lúdicas para a compreensão das múltiplas dimensões que envolvem o consumo alcoólico.

Palavras-chave: Marchinhas. Anos 50. Bebidas alcoólicas. Sensibilização.

Abstract

Carnival parties can be understood as popular portraits of the most diverse moments that the country has lived through, creating a historical set in which, for example, marchinhas are sung in carnivals in the 1950s. Therefore, considering the importance of conducting research aimed at national art and the production of interdisciplinary studies related to the experience with beverages (a topic that is closely linked to public health), the article aims to investigate possible ways to raise awareness about excessive alcohol consumption through five carnival marches sung in the 50s of the 20th century. Therefore, we opted for a qualitative methodology and typical procedures for discourse analysis. Due to the paths taken, it is believed that the school, as well as non-formal education environments, can be spaces where such songs have the potential to become playful tools for understanding the multiple dimensions that involve alcohol consumption.

Keywords: *Marchinhas. 1950s. Alcoholic beverages. Awareness.*

1. Introdução

O tema do presente artigo tem o seu início em meados do Carnaval da década de 1930, quando as marchinhas se consolidaram no gosto musical brasileiro. Foram nos concursos de canção carnavalesca, inicialmente promovidos pela Casa Edison¹ / O Cruzeiro², do Rio de Janeiro, e posteriormente pela Secretaria de Turismo do Distrito Federal (como parte da comemoração oficial do Carnaval da cidade), que o divertido estilo musical despertou muitas paixões e tantas outras polêmicas (CABRAL, 1996).

Considera-se que, mesmo com o desejo da disciplinarização dos espaços e dos corpos na cidade, e as tantas nuances aí implicadas, no Carnaval sempre existiu uma pequena mudança da perspectiva do poder, em que a população, de forma utópica e alegórica, se tornava detentora de suas escolhas. Considera-se, então, neste trabalho, os festejos carnavalescos e os elementos que os compõem (como as marchinhas) enquanto uma possibilidade da livre expressão da sociedade, sendo eventos marcados pela inversão de papéis e deslocamentos sociais: um “movimento numa sociedade que tem horror à mobilidade, sobretudo à mobilidade que permite trocar efetivamente de posição social.” (DAMATTA, 1984, p.53).

A libertária festa do Rei Momo³ ainda mantém indiscutível beleza, em que se destaca a criatividade e força social do povo brasileiro. Mas Olinda (2006) afirma que essa é apenas uma das duas faces do evento, existindo concomitantemente outra, que contrapõe tamanho encanto. No Carnaval, há uma fartura alcoólica, em que muitos se aproveitam, ultrapassando o limite da consciência e colocando a saúde em risco. A situação se torna ainda mais grave pelo livre consumo de álcool por adolescentes e até mesmo crianças. No ano de 2019, em Belo Horizonte, 54% dos atendimentos realizados pelo Samu (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) se relacionavam ao abuso de bebidas alcoólicas e outras drogas por foliões de 10 a 14 anos (LOFUTO, 2019).

Cabe lembrar que o Carnaval, desde o final do século XIX, como registra Diniz (2018), vem assumindo o posto de maior festa de cunho popular do Brasil, tendo por herança o seu primo-irmão, o Entrudo, festa portuguesa introduzida no Brasil na passagem do século XVI para XVII pelos colonizadores que em Pindorama⁴ aportavam. O caráter crítico que o entrudo tinha em expor as mazelas do poder e da sociedade foi incorporado nas marchinhas carnavalescas que surgem junto com essa popularização do Carnaval no final do século XIX.

¹ Primeira gravadora no Brasil e na América do Sul, fundada em 1900, por Frederico Figner, no Rio de Janeiro.

² Revista semanal ilustrada, fundada por Assis Chateaubriand, com sede na cidade do Rio de Janeiro, que iniciou sua circulação em 10 de novembro de 1928.

³ Personagem originário da Mitologia Grega que se tornou um símbolo do Carnaval.

⁴ Palavra derivada do tupi pindó-rama ou pindó-retama, “terra/lugar/região das palmeiras”, sendo o nome que parte da população indígena dava ao Brasil.

Recorda-se, também, a influência de vários ritmos. O Carnaval brasileiro, no seu nascimento, foi caracterizado por uma ampla variedade musical, com os estribilhos de sabor africano, cucumbis e afoxés de escravos, modas sertanejas e até mesmo as valsas da alta-sociedade (GOÉS, 2002). Logo, as marchinhas, assim como o samba, beberam da europeia fonte de inspiração e se alimentaram da riqueza dos batuques da África, sendo, portanto, uma mistura nacional, que se tornou, não por um mero acaso, um símbolo de brasilidade. Logo, definem-se “marchinhas carnavalescas”, a partir de Pasqua et al (2019), como músicas pensadas para o carnaval, com ritmo cadenciado e letras simples, mas bem-humoradas que contam histórias do cotidiano.

Considerando tal noção, o trabalho tem como objetivo central a investigação de possíveis maneiras de sensibilizar sobre o consumo excessivo de álcool por meio de cinco marchinhas carnavalescas. Traça-se a hipótese que esse estilo de canção ajuda a compor imaginários e cria territorialidades musicais (FERNANDES; HERSCHEMANN, 2018) e, por isso, pode propiciar abordagens eficazes para alcançar os mais diversos públicos em escolas e ambientes de educação não formal. Logo, esse estudo é produzido para profissionais que atuam nos mais diversos campos do saber, especialmente, aqueles que direcionam o seu trabalho para adolescentes⁵.

O uso das marchinhas carnavalescas para a sensibilização do consumo de bebidas alcoólicas parte da visão acadêmica que avista a necessidade de um olhar holístico para a realidade. Mesmo quando se trata, por exemplo, da saúde coletiva, é preciso entendê-la a partir de toda a complexidade envolvida (MORIN, 2003). Destaca-se, por isso, que o trabalho tem como princípio norteador a desafiadora proposta da união de dois universos vistos como distintos: arte e ciência. Nesse sentido, Ferreira (2010, p.280) afirma:

[...] tanto o trabalho artístico quanto o científico são formas de expressar a criatividade, de inventar novas possibilidades, de ampliar a percepção da realidade e de conceber novas leituras do mundo. Intuição e razão, criatividade e precisão, prazer e reflexão, corpo e mente, arte e ciência, não são pares opostos, são antes dimensões complementares da existência.

Outra importante contribuição neste campo é do filósofo francês Deleuze (1992), que entende a arte e a ciência como “asas do conhecimento” complementares, e não hierarquizadas. Para o autor, os caminhos artísticos geram uma conexão entre o sujeito e aquilo que lhe afeta, influenciando diretamente na sua forma de ser e existir. Este é um pressuposto fundamental no trabalho. Recorda-se, ainda, do professor Japiassú (2006, p.9): “Não nos esqueçamos de que os saberes filosóficos, artísticos e religiosos constituem os melhores laboratórios a partir dos quais podemos contemplar a experiência humana em sua totalidade. Porque a Filosofia, as Artes e a Religião são as antenas do Saber.”

⁵ Parte-se da definição da Organização Mundial de Saúde (OMS) que aponta adolescência como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos.

Dialoga-se, então, com Snow (1995), que observou um abismo na vida dos intelectuais no mundo ocidental. Em sua análise, de um lado do penhasco, estava a cultura dos cientistas naturais e, do outro, a cultura dos letrados e artísticos, com uma distância cada vez mais intransponível. O autor usa, como exemplo, as peças e Shakespeare e a Segunda Lei da Termodinâmica. Em nenhum dos lados, existia um domínio mínimo das duas temáticas, percebendo que o diálogo entre representantes das duas culturas se tornou inviável pela não-existência de referências em comum.

Torna-se também fundamental pontuar que “arte e ciência, hoje, podem parecer duas áreas distintas e antagônicas, mas a relação entre as duas, que se subdividem em outras, nem sempre foi de distância” (LOPES, 2020, p.25). Épocas como a Renascentista, por exemplo, demonstram que os dois saberes podem estar bem imbricados na produção do conhecimento. Portanto, a depender do momento histórico, as relações se dão de diferentes formas. Considerando o recorte temporal escolhido neste artigo, fica ainda mais clara a importância da utilização das marchinhas carnavalescas em novos espaços, compreendendo-as retrato de experiências passadas da sociedade brasileira e de saberes, vislumbrando, assim, a sua presença em casas do conhecimento, como os ambientes de educação formal e não formal. Salienta-se, também, a título de esclarecimento, que a década de 1950 foi o período em que a representação do consumo alcoólico mais ganhou destaque nas letras das marchinhas carnavalescas.

2. Anos Dourados

Entende-se que, tanto para este artigo, quanto para o uso das marchinhas carnavalescas em ambientes escolares, é fundamental que seja compreendido o contexto de criação e popularização das canções trabalhadas. Por isso, se torna fundamental uma viagem mais profunda aos anos 50 do século XX, popularmente chamados como Anos Dourados, sendo um período conhecido por diversas mudanças no cenário social mundial. No Brasil, é possível observar significativo processo de modernização, Neto (2011, p.1) destaca, por exemplo, “a consolidação da indústria de bens de consumo duráveis”. Politicamente, podem ser identificadas intensas mudanças, começando com o retorno de Vargas à cadeira de Presidente da República.

O Brasil, uma nação de perfil essencialmente agrário, passava por um processo de industrialização que veio a reboque da construção de uma indústria de base⁶ e que, como consequência, promoveu uma grande migração de contingentes populacionais para as cidades, mudando o perfil demográfico da população no passar das próximas décadas (NETO, 2014). Logo, no início da década de 1950, eram refletidas no fazer artístico brasileiro as mudanças sociais e econômicas pelas quais o país passava, fazendo com que a cultura popular fosse redesenhada (pelas mãos governamentais e da população), tornando-se um fruto e expressão dessa nação.

⁶ Também chamadas de indústrias de bens intermediários ou indústrias pesadas, incluem principalmente os ramos: siderúrgico, metalúrgico, petroquímico e de cimento.

Napolitano (2016) lembra que a abrangência do que se compreende como cultura, nesse processo de urbanização da população, gerou a amalgamação dos elementos ditos folclóricos com componentes imemoriais de uma cultura cada vez mais ligada ao lazer urbano das novas massas trabalhadoras. Na perspectiva da vida na cidade, se consolidava, então, o universo da boemia, povoado pela fuga dos problemas no álcool. O cancionário do período, muitas vezes, apresentava a bebida enquanto um “remédio” para as dificuldades afetivas:

A relação que existiu entre o vazio deixado pelas frustrações amorosas e a busca em preenchê-lo com bebidas alcoólicas mostra o álcool como a “solução” para o amor mal resolvido. Agiu como um anestésico para a angústia, para o medo, para a solidão, sentimentos que se tornaram insuportáveis dentro de uma sociedade divulgadora de discursos que propõem a eliminação da dor e do sofrimento. (VALDÍVIA, 2014, p.195)

Percebe-se, também, nesse período, uma glamourização do álcool, algo que em menor grau ainda perdura. O que permanece com grande força e que teve o seu nascedouro nos anos de 1950 (mesmo não sendo popular no período), é a TV no Brasil. Cabral (1996) registra que as primeiras estações televisivas foram inauguradas no início da década, nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Mas o meio de comunicação, trazido ao Brasil por Assis Chateaubriand⁷, foi obrigado a esperar alguns anos para atrair investimentos publicitários e, conseqüentemente, se popularizar entre os brasileiros.

No início da década de 1950, a população era informada e entretida pelas emissoras radiofônicas. As canções ocupavam um lugar de destaque, eram as vozes das Cantoras do Rádio⁸ que coloriam o cotidiano brasileiro e davam vida aos mais diversos ritmos. Assim, durante o Carnaval, todos conheciam as músicas que iriam embalar a festividade por meio do rádio, que se tornava, então, o veículo de divulgação e estímulo à produção carnavalesca.

Aponta-se, nesse momento, mais uma conexão entre ciência e arte que merece ser destacada: a interação existente entre o fazer artístico e a tecnologia radiofônica. O rádio nasce em um laboratório, por meio da experiência do alemão Heinrich Hertz, que fez com que faíscas saltem entre duas bolas de cobre separadas, surgindo a noção que as ondas eletromagnéticas podem levar energia através da atmosfera (TAPARELLI, 2003). Da descoberta de Hertz até a década de 50, muitos foram os avanços, fazendo com que ondas de boa qualidade sonora chegassem, sem fios, nas casas de muitos brasileiros, permitindo o acesso à produção artística do período.

Pinheiro (2005) observa que a PRE-8 Rádio Nacional do Rio de Janeiro, pelas mãos governamentais, tinha em seus equipamentos o que havia de mais moderno no mundo da radio-

⁷ Assis Chateaubriand foi um empresário brasileiro, destacando-se como um dos homens públicos mais influentes do Brasil entre as décadas de 1940 e 1960.

⁸ Título dado para as intérpretes que fizeram sucesso no rádio. entre as décadas de 1930 e 1960, como Ângela Maria, Emília Borba, Marlene e tantas outras.

difusão, equiparando-a com as quatro melhores rádios no mundo. A qualidade técnica atrelada a uma programação de sucesso, permitiu-lhe atrair os melhores anunciantes. Com o poder das apostas publicitárias, somadas com as verbas do governo federal, a liderança da Rádio Nacional era difícil de ser alcançada pelas concorrentes (BORGES, 2017).

Porém, seria um engano pensar que, com a consolidação da Rádio Nacional enquanto o principal veículo midiático brasileiro - tendo em sua equipe inúmeros maestros e músicos, cantores e rádio- atrizes, locutores, programadores – foi evitada a produção de conteúdo crítico ao Governo. Marlene, a exemplo, eleita Rainha do Rádio pela Nacional, não fechava os seus olhos para a realidade do país. Aragão (2012) afirma que a artista dizia que gostava de falar do povo e, na década de 1950, deu voz às mazelas brasileiras em inúmeras canções.

É fundamental destacar que, nessa década, além da volta de Getúlio ao poder, o Presidente também “sairia da vida para entrar na História”⁹. O “sorriso do velhinho”¹⁰ estava sendo constantemente manchado pela oposição e a alegria, ritmada pelo Carnaval, não caminhava mais pelos jardins do Catete¹¹. A crise cresceu e, no cinzento agosto de 1954, Vargas se despediu de forma trágica da Presidência. Um verdadeiro bloco humano acompanhou o cortejo de despedida do gaúcho Presidente (NETO, 2014). Não havia marchinha, o ritmo era ditado pela marcha fúnebre, que conduzia os tantos apaixonados pelo líder populista.

A morte de Getúlio modificou o cenário político brasileiro, abrindo espaços para novos nomes, como Juscelino Kubitschek. Segundo Hochman (2009), o político mineiro, formado médico, identificava o Brasil como um país que estava “doente” e que precisava ser recuperado pela medicina. Porém, para além disso, a imagem de Kubitschek ficou fortemente conectada à transferência da capital brasileira para Brasília, marcando, assim, a década de 1950 como o período em que a cidade do Rio de Janeiro viveu seus últimos momentos como centro político da nação.

Mas, mesmo que atualmente haja quem saiba declamar a Carta Testamento de Getúlio Vargas, aqueles que ainda lembram dos momentos que envolveram a transferência governamental para Brasília, o número de pessoas que cantam as marchinhas carnavalescas da década de 1950 é incontavelmente maior. Dos Anos Dourados, percebe-se que ficou registrada na memória coletiva, especialmente, a alegria dos festejos carnavalescos.

⁹ final da Carta Testamento de Getúlio Vargas, escrita em 23 de agosto de 1954.

¹⁰ Referência à canção “Retrato do Velho”, de Haroldo Lobo e Marino Pinto.

¹¹ Bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, em que ficava localizada a sede da Presidência da República, abrigando um prédio de arquitetura neoclássica brasileira e um jardim singular.

3. Metodologia

Para a concretização do artigo, foi realizada uma pesquisa sobre material sonoro na busca de identificar composições carnavalescas do estilo “marchinha” que apresentassem aspectos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas. Tal investigação foi produzida a partir de artifícios tecnológicos, no constante exercício da conexão entre arte e ciência; logo, levantaram-se, primariamente, as marchinhas carnavalescas por meio da plataforma Spotify¹², e percebeu-se, entre as canções, que a década de 1950 foi o período em que a representação do consumo alcoólico mais ganhou destaque nas letras das marchinhas.

Foi pesquisado, também, a partir dos arquivos dos veículos jornalísticos “Jornal do Brasil” e “O Globo” a inserção dessas canções nos relatos sobre os festejos carnavalescos, buscou-se também verificar a existências de novas marchinhas, para compor o maior levantamento histórico possível, porém a pesquisa não revelou novas músicas, ficando o *corpus* estabelecido em cinco produções carnavalescas que perduram até os dias atuais no imaginário brasileiro (listas no quadro a seguir). Destaca-se que, na seleção, foi considerado o ano do Carnaval em que a música foi lançada, sendo todas populares - como apurado - nas respectivas datas do festejo e, portanto, fortemente cantadas pela população.

Quadro 1: As marchinhas trabalhadas

Marchinhas	Intérprete	Autores	Ano
Cachaça	Carmem Costa e Colé	Lúcio de Castro, Heber Lobato, Marinósio Filho, Mirabeau.	Carnaval de 1953
Saca-rolha	Zé e Zilda	Zé da Zilda, Zilda do Zé e Valdir Machado.	Carnaval de 1953
Ressaca	Zé e Zilda	Zé da Zilda e Zilda do Zé.	Carnaval de 1955
Tem nego bebo aí	Carmem Costa	Mirabeau e Airton Amorim.	Carnaval de 1955
Turma do Funil	Vocalistas Tropicais	Mirabeau, Milton Oliveira e Urgel Castro.	Carnaval de 1956

Para a análise das canções, foram definidos procedimentos típicos da análise de discurso (AD) proposta por Maingueneau (2002). A relevância da apreciação das letras das marchinhas é constatada por meio da importância do entendimento do conteúdo textual apresentado, para melhor trabalhá-lo em ambientes de ensino. Destaca-se, ainda, que a pesquisa documental se fez fundamental durante os caminhos metodológicos do trabalho, por meio do percurso historiográfico apresentado logo no início do artigo. Assim, aponta-se que, mesmo a ciência sendo caracterizada em muitos momentos do artigo pelos seus aspectos exatos e biológicos, é importante sublinhar seus pontos sociais e humanos, em que a História está inserida. Foi por meio dela que

¹² Serviço de streaming (forma de distribuição digital) de música, podcast e vídeo.

foi possível traçar um itinerário aos anos 50 do século XX. Sugere-se que essa “viagem artística-científica” seja realizada no desenvolvimento dos trabalhos, em sala de aula, envolvendo as marchinhas carnavalescas.

Lembra-se, ainda, que todo o trajeto aqui feito parte de critérios qualitativos. Segundo Bauer e Gaskell (2000), em contraste com a pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa evita números, lidando então com interpretações das realidades sociais, tendo por finalidade a exploração das múltiplas possibilidades de opinião e das diferentes representações sobre a temática trabalhada. Logo, a escolha pela abordagem qualitativa está relacionada à vontade de explorar ao máximo os aspectos humanos presentes nas canções.

4. As marchinhas carnavalescas e o consumo alcoólico

Conforme apresentado na seção anterior voltada à metodologia do estudo, o conteúdo enfocado refere-se a cinco marchinhas que foram cantadas em carnavais da década de 1950 e que estão relacionadas ao consumo alcoólico. Cabe destacar que não serão exibidas as análises de todas as canções, considerando o espaço existente para o desenvolvimento deste artigo. Optou-se pela não exclusão de algumas músicas do *corpus*, considerando que, mesmo com restrito número de páginas, torna-se fundamental apresentar um horizonte mais amplo. E, mesmo selecionando, como breves exemplos, trechos de duas composições (que apesar de terem a mesma fonte autoral apresentam visões distintas), foi criada uma *playlist* com todas as marchinhas selecionadas, disponibilizando tanto as letras, quanto as melodias:



Figura 1: QR Code com o acesso à *playlist*

Sucesso no Carnaval de 1954, a canção “Saca-rolha”, de autoria de Zé da Zilda e Zilda do Zé com Waldir Machado, pode ser interpretada como uma composição de clara apologia ao consumo alcoólico. Em seu início, já pode ser encontrado um relato voltado à demasia: “[...] *Garrafa cheia eu não quero ver sobrar /Eu passo mão na saca, saca, saca-rolha /E bebo até me afogar[...]*”. Destaca-se, também, na canção, a sugestão de uma prisão por embriaguez: “[...] *se a polícia por isso me prender[...]*”, cabe lembrar que o cárcere de um folião somente por estar bêbado é ilegal, mas, sem entrar em qualquer debate direcionado ao direito penal, percebe-se, por meio da canção, a repressão policial.

No Carnaval de 1955, o casal Zé da Zilda e Zilda do Zé seguiram o caminho em direção ao sucesso (como no ano anterior em que cantaram “Saca-rolha”), e juntos criaram “Ressaca”. Curiosamente, o discurso muda drasticamente; nesse momento, os autores focam no aspecto negativo do consumo alcoólico, entoando um dos seus principais efeitos: a ressaca. Na canção, a dupla diz que todos deveriam ir para a casa e personifica a bebida, a colocando como uma inimiga: “[...] sei que você gosta muito dela / Mas é bom que não esqueça: / Ela não é amiga / Desce pra barriga / Depois sobe pra cabeça [...]”.

Torna-se perceptível por meio de trechos das duas marchinhas em foco, mas também através das demais composições analisadas, que sempre há visões individualistas ao tratarem da temática, seja pelo posicionamento favorável ao consumo ou não. Salienta-se que todas as canções apresentam trechos em primeira pessoa, sendo essa uma pista para algo mais amplo: é ignorado o efeito do consumo alcoólico pela perspectiva grupal. Mas, cabe lembrar que quando se trata dos aspectos voltados à bebida, o coletivo e o individual se misturam. Para além dos danos no corpo e mente, são diversos os agravos que a sociedade também pode ter. Recorda-se, por isso, a argumentação feita por Olinda (2006): para a autora, os danos alcoólicos não são apenas individuais e podem gerar estragos de ordem coletiva, como os acidentes de trânsito.

Assim, retorna-se à Ferreira (2010), ao observar que, desde o século XIX, a arte (aqui representada pela música) e a ciência (aqui representada pelos aspectos voltados à saúde e História) foram enxergadas como universos distintos, mas seguindo a visão proposta pelo autor e a partir do percurso analítico, é possível considerar que, mesmo com um olhar reduzido ao indivíduo, as marchinhas carnavalescas escolhidas para este trabalho apresentam caros pontos de partida para os debates voltados à saúde coletiva.

As canções destacam, por exemplo, os efeitos do álcool no organismo humano. Evidentemente, as composições carnavalescas estudadas não apresentam uma profunda discussão ao tratar a temática, porém, podem ser pinçados trechos que apresentam aspectos sobre a ressaca (mal-estar após a ingestão excessiva de álcool, que inclui fadiga, sede e dor de cabeça), a tontura (o álcool ocasiona a redução da capacidade motora e do equilíbrio) e a dependência (sendo considerada doença pela Organização Mundial da Saúde¹³).

Cabe destacar que isso, dentro da sonoridade alegre das canções, muitas vezes, passa despercebido. Compostas em escala maior e com diversas repetições, as marchinhas carnavalescas geram um tom festivo, sendo, portanto, um fator que precisa ser levado em conta durante a análise. Logo, mesmo tratando temáticas como a ressaca, a construção rítmica perpassa pela alegria,

¹³ A dependência de álcool (alcoolicismo) é uma doença crônica, sendo definida pela 10ª edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), da Organização Mundial da Saúde (OMS), como uma série de eventos comportamentais e fenômenos fisiológicos ocasionados após o uso repetido de álcool..

constituindo-se como trilha-sonora de um evento em que os participantes também devem estar felizes (DAMATTA, 1986). Logo, percebe-se que, ainda que as mensagens não sejam favoráveis ao consumo alcoólico dentro do contexto em que as marchinhas são apresentadas, as letras podem ser interpretadas como jocosas.

Mas, mesmo considerando o tom brincante que, em certa medida, pode desacreditar o que é dito e cantado, acredita-se que as marchinhas podem funcionar como pontos de partida para a criação de estratégias pedagógicas para a exploração de conteúdos diversos, especialmente voltados à promoção à saúde. Evidentemente, as canções não esgotam o conteúdo programático, mas oferecem aspectos que podem ser trabalhados em múltiplos ambientes, como as instituições de ensino. Ao explorar os trechos das músicas, entende-se o rico conteúdo que elas fornecem, mostrando o mérito de enxergá-las pela ótica da experiência alcoólica e, por isso, apresenta-se a seguir uma proposta de caminho educacional.

5. Proposta de caminho educacional

Decidiu-se que, além de um panorama das canções, era fundamental apresentar um caminho, dentre outros possíveis, para o uso das marchinhas carnavalescas em ambientes formais e/ou não formais de educação. Destaca-se que as sugestões apresentadas não serão voltadas para disciplinas específicas; acredita-se que o melhor trajeto que poderia ser seguido seria o transdisciplinar, definido por Japiassú (2006, p.3):

Transdisciplinar diz respeito ao que está entre as disciplinas, através delas e além de cada uma. Seu projeto utópico? Contextualizar e globalizar, isto é, ver e avaliar um problema sob todos os seus ângulos e em todas as suas dimensões, implicando a construção de uma visão ao mesmo tempo transcultural e trans-histórica permitindo-nos compreender o mundo atual em sua complexidade e o ser humano em suas ambiguidades e contradições.

De tal modo, é fundamental não tirar o objeto - no caso, as marchinhas carnavalescas - do seu contexto e de sua totalidade, encontrando a melhor forma de trabalhá-las por meio da complexidade das canções, assim como pela diversidade dos atores sociais envolvidos. Antes de desenhar os trajetos do projeto, é necessário entender as aptidões do grupo, bem como os seus desejos, e tentar incluir tais elementos da melhor forma na construção da proposta.

Enquanto exemplo, será utilizada uma turma formada por quatorze pessoas- sendo nove homens e cinco mulheres- selecionada a partir da experiência docente do autor. Nesse grupo, os interesses estão voltados às artes gráficas, comunicação, música, esporte, moda, política, religião e fotografia. Logo, percebe-se que o aspecto visual é um ponto que sobressai entre os participantes (em alguns, de maneira direta com as suas predileções; em outros, de forma indireta), e, por isso, foi um ponto explorado durante a realização do projeto. Destaca-se que o percurso historiográfico, apresentado no início do artigo, também foi realizado, nesse caso, utilizando a

construção textual proposta e as imagens (fotografias e ilustrações) da época. Lembra-se que a pesquisa imagética pode fornecer interessantes dados para a construção do trabalho grupal e salienta-se que foi escolhida uma postura freiriana, desenhada por meio da ideia que:

o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2017, p. 96-97).

Por essa perspectiva, é importante que todos estejam envolvidos na construção de algo (incluindo o educador), abrangendo inúmeras possibilidades por meio de uma aprendizagem horizontal, assim como é fundamental que não seja perdido o foco da conscientização sobre o consumo excessivo de álcool. O tom brincante das marchinhas e a liberdade criativa podem dar margem ao surgimento de outras temáticas; por isso, aquele que estiver organizando as atividades deve ficar atento para direcionar o grupo ao objetivo principal, sem deixar passar possíveis temas para novos projetos. Na turma escolhida para o trabalho, o futebol na década de 1950 virou um grande foco de interesse de diversos meninos, tornando-se um elemento abordado em sala na contextualização histórica, sendo usados, também, aspectos como a movimentação do esporte e a composição cromática das imagens dos times do período, para a criação de um produto gráfico.

Cabe destacar, ainda, que o trabalho deve ser desenvolvido e apresentado, preferencialmente, para outras pessoas, além dos envolvidos com o projeto. No caso do grupo exemplificado, o interesse coletivo foi, especialmente, para o universo imagético e, por isso, direcionaram-se os esforços para a produção de cartazes inspirados nas marchinhas carnavalescas (como no exemplo apresentado a seguir). Sublinha-se que esse tipo de produção gráfica pode ocupar diferentes espaços, como corredores de intuições de ensino e de unidades de saúde.



Figura 2: Exemplo de cartaz

Percebe-se que tanto o período histórico quanto a marchinha “Ressaca” foi inspiração na construção gráfica. O discurso apresentado no cartaz não envolve diretamente nenhuma bebida alcoólica, sendo utilizada apenas a imagem de uma garrafa plástica enquanto referência, ao lado do trecho da canção. Lembra-se, assim, a possibilidade da criação de novas narrativas, sendo a música um ponto de partida.

Com isso, pode ser considerada a marchinha carnavalesca enquanto premissa, que tem a capacidade de levar os participantes para as mais diferentes linguagens. Não existe receita única, tampouco um resultado igual. A peculiaridade de cada grupo gerará perspectivas díspares e consequências diversas. Por isso, também seria impossível definir qual deve ser o tempo de aplicação do projeto; no caso apresentado, durante um bimestre, foram realizados encontros semanais, de duas horas, no horário habitual de aula do grupo e de forma virtual (considerando que o projeto foi desenvolvido durante a pandemia do coronavírus), sendo divididos por uma parte expositiva e outra interativa, com a presença de dois educadores.

Destaca-se que o entrosamento e o debate são itens fundamentais para que se crie um efeito satisfatório. Portanto, apenas um encontro não geraria o envolvimento e a profundidade necessária, sendo sugerida a divisão do projeto em diversos dias, considerando a disponibilidade dos envolvidos. Outro fator a ser observado com cuidado é a faixa etária que está sendo trabalhada, pois tal característica será o que vai dar o direcionamento para o aprofundamento das questões, bem como para o vocabulário a ser utilizado.

6. Considerações finais

Do ponto de vista histórico, nota-se que as marchinhas carnavalescas se apresentam como um retrato dos mais diversos aspectos da vida brasileira, especialmente, o carioca. Trata-se de crônica popular que aponta mentalidades, costumes e desejos da população, tendo sempre como irrefutável princípio a irreverência. Porém, a malícia e o tom jocoso presentes nesse satírico estilo musical, muitas vezes, afastou-o do campo acadêmico e das discussões de maior seriedade, mas deu voz aos mais diversos pensamentos do povo, que foram popularizados pelas ondas radiofônicas.

Destaca-se, portanto, que a força comunicativa da PRE-8 Rádio Nacional do Rio de Janeiro facilitava a propagação das manifestações artísticas do país. Foi por meio da Nacional que as marchinhas ganharam especial destaque na vida dos brasileiros e na carreira de muitos artistas da época, possibilitando que intérpretes (como Marlene) conquistassem o título de “cantora carnavalesca”. É interessante observar e salientar, com isso, que foi pela influência de um veículo comunicacional estatal, pensado para influir e controlar o lazer das massas populares, que se difundiu um estilo musical “politicamente incorreto”.

Mas, percebe-se que a leveza e a brincadeira, que são a essência do Carnaval, podem ser artifícios eficazes para alcançar os mais diversos públicos e, considerando a importância da sensibilização a respeito das bebidas alcoólicas, há trechos das marchinhas que mostram os malefícios do seu uso constante, apontando, por exemplo, aspectos voltados ao vício. Com isso, olhares mais atentos poderiam se utilizar da popularidade das clássicas canções para conscientizar e alertar sobre o consumo alcoólico, principalmente, nos períodos carnavalescos. Logo, as escolas, assim como os ambientes de educação não formal, podem ser espaços onde as canções se constituam como inspiração para novas criações artísticas sobre a temática.

Considera-se que, a partir de uma marchinha, se torna possível dialogar, por exemplo, com as outras expressões artísticas, como as artes gráficas. Podendo ser usando, também, como mostrou a prática em sala de aula, artifícios como a moda, o futebol e a fotografia, para estabelecer uma proximidade com aqueles que estão envolvidos com o projeto. Destaca-se que cada grupo terá características únicas e, portanto, todo o trajeto será singular, fornecendo novas perspectivas a cada realização. Por fim, espera-se que este trabalho seja um objeto inspiracional e vislumbram-se outros estudos, propostas e investigações que possam dedicar-se às marchinhas de Carnaval em diferentes cenários, utilizando-se de novas temáticas.

Os aspectos que podem ser considerados homofóbicos, sexistas, racistas e que, eventualmente, são encontrados ao longo das tantas décadas desse estilo musical devem ser estudados e trabalhados em ambientes escolares. Lembra-se, afinal, que todas as reflexões na área geram a possibilidade do debate em torno dos significados dos festejos carnavalescos e desse ritmo, que merece múltiplos olhares acadêmicos, por suas sátiras, questionamentos e, especialmente, por ainda reunir, anualmente, corações de norte a sul .

Referências

ARAGÃO, D. **Marlene**. A Incomparável. São Paulo: Imprensa Oficial do Governo do Estado de São Paulo, 2012.

BORGES, P. G. **Cantoras do Rádio e Mulheres** – Um estudo sobre representações femininas no Brasil da década de 1950. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2017.

CABRAL, S. **MPB na Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 1996.

DA MATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DELEUZE, G. **O que é a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

- DINIZ, A. **Almanaque do Carnaval**: a história do Carnaval, o que ouvir, o que ler, onde ouvir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- FERNANDES, C. S. F; HERSCHMANN, M. **Cidades Musicais**: comunicação, territorialidades e política. Porto Alegre: Sulina, 2018.
- FERREIRA, F. R. Ciência e arte: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 36, n. 1, p. 261-280, 2010. DOI: 10.1590/S1517-97022010000100005
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- GOES, F. **Imagens do Carnaval Brasileiro do Entrudo aos Nossos Dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- HOCHMAN, G. O Brasil não é só doença: o programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 16 (supl. 1), p. 313-331, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702009000500015>
- JAPIASSU, H. **O Sonho Transdisciplinar e as Razões da Filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- LOFUTO, J. P. Carnaval facilita consumo de álcool e drogas por crianças e adolescentes. **Jornal USP**, São Paulo, 19 mar. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/carnaval-facilita-consumo-de-alcool-e-drogas-por-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- LOPES, T. **Do fóssil ao fosso**: por que desaprendemos a dialogar? Arte, ciência e empatia. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2020.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MORIN, E. A necessidade de um pensamento complexo. In: MENDES, C. (org). **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- NAPOLITANO, M. **Cultura brasileira**: Utopia e massificação (1950 -1980). São Paulo: Contexto, 2006.
- NETO, L. Getúlio. **Da volta pela consagração popular ao suicídio** (1945 - 1954). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- NETO, S. L. **Modernização, crise e protesto popular**: a questão do abastecimento nos anos 50. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.
- OLINDA, Q. B. As duas faces do Carnaval. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 3–4, 2012. DOI: 10.5020/952.

PASQUA, C.; et al. As músicas da Era Vargas e o registro da memória social sobre as eleições presidenciais. In **CID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 81-95, 23 maio 2019. ISSN: 2178-2075. DOI: .

PINHEIRO, C. **A Rádio Nacional**: alguns dos momentos que contribuíram para o sucesso da Rádio Nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SNOW, C. P. **As Duas Culturas e uma Segunda Leitura**: uma versão ampliada das Duas Culturas e a Revolução Científica. Tradução: Geraldo Gerson de Souza e Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo, 1995.

TAPARELLI, C. H. A. A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DO RÁDIO. **Revista USP**, [S. l.], n. 56, p. 16-21, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i56p16-21.

VALDÍVIA, M. B. A felicidade infeliz de Maysa Matarazzo em tempos do American Way of Life: Reflexões sobre a boemia paulistana nos anos 50. **Cordis. Mulheres na história**, São Paulo, n. 12, p. 185-226, 2014.

Sobre as autoras

Frederico Augusto Ribeiro da Silva

Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/UERJ), bolsista CAPES. Possui especialização em Desenvolvimento Territorial pela mesma instituição e graduação em Turismo.

email: fredericoaugusto1@gmail.com

Recebido em: maio de 2021

Publicado em: junho de 2022